

C O M E N T Á R I O

REEDUCANDO PELAS FÁBULAS

Lucília Bonfim

Durante este ano, várias vezes, certo professor e eu conversamos sobre os contos de fadas que contamos para os filhos nas horas de lazer, ou antes de irem para a cama sonhar com heróis e aventuras... Particularmente tenho saudades desse tempo... Meus filhos, já adultos, não me proporcionam mais esses momentos, mas lembro-me bem das perguntas ao final das histórias – porque ele quis fazer assim?, referindo-se ao Lobo Mau, tanto dos Três Porquinhos ou Chapeuzinho Vermelho... ‘Mas, mãe, eles são bonzinhos?’... ou ‘Coitadinha dela e da vovozinha’!... A melhor parte era quando falávamos da moral da história... Sempre com final feliz, as boas intenções dos personagens, e o malogro dos vilões... Olhos fechados, beijo de boa noite e, sonhos permeavam o silêncio do quarto.

Dos livros que motivaram as conversas com este colega, um trata dos contos europeus e o outro das fábulas brasileiras, e ele tem tido oportunidade de ensinar várias coisas a seu filho com as histórias que lê, tal como a que tive com os meus. Disse também sobre a reação do seu piá quanto ao príncipe ‘vadio, boa vida, que só pensa em caçar, ir à festa, namorar, casar e viver feliz para sempre, sem trabalhar, ‘tudo é apenas diversão’... As reações deles nos fazem rir, e ao mesmo tempo, ficar preocupados com a moral das histórias.

Nossas conversas proporcionaram a ‘idéia’ de compartilharmos, com os leitores dessa revista, a nossa reflexão: como ensinar que, certos valores (errados, incorretos, dúbios, distorcidos, etc.), que vilão, lobo mau, feiticeira, bruxa (se é que são a mesma coisa...) fada madrinha, etc., só existem no imaginário dos autores, ilustram as páginas dos livros e têm a intenção de ensinar o que é bom, válido, correto, honesto, mas que saem dos livros, e passam, atualmente, a preencher não os sonhos noturnos, mas a realidade do dia? É fácil explicar que final feliz será construído com trabalho honesto, dedicação e esforço contínuo? Fica fácil dizer que são fábulas, que nada existe, que o bem vence o mau, que a má intenção não dá certo, que o sofrimento, seja da Cinderela, Branca de Neve, ou de outros tantos personagens, termina com final feliz e para sempre...? Sorriso nos lábios, olhos fechados, e filhos sonham livremente...? Não! A ‘idéia’ dessas linhas? Apenas comentar sobre os contos de fada.

Que tarefa difícil meu colega me solicitou. Acreditar que contos de fada não existem? Não, porque o lado reverso da história se torna real e inverso ao que ensinamos, seja com filhos ou alunos... Como falar, então, sobre isso, sem querer falar diretamente? Como escrever palavras que conotem o duplo sentido de exemplos, sem falar neles? Não tenho varinha de condão que faça estrelinhas brilharem nas entrelinhas do papel, não tenho bola de cristal que faça surgir a solução, não ideal, mas real, para os valores que temos

construídos nas nossas atitudes discretas, mas que se defrontam com os valores não contidos das ações (incorretas) abertas que permeiam, não os livros, mas a tela da TV, as páginas do Jornal, os sites da internet... e que nossos filhos, adultos ou crianças, vêem e precisam decifrar, e acreditar, que a moral que ensinamos não é a que testemunhamos, calados, parados, qual livro na estante. Não! Não é isso que é para ser escrito, nem tão pouco descrito. É para nos lembrar das histórias que contamos, ouvimos e aprendemos com elas quando os valores do final feliz eram, talvez, possíveis e que as maldades dos vilões tinham o fim que mereciam.

A idéia proposta era que eu escrevesse um pequeno artigo sobre os contos infantis dos livros “Os mais famosos contos de Charles Perrault” (contos europeus) e “Lendas e fábulas brasileiras”... mas não consigo construir essa análise, posto que, o que construo como ideário não cria um caminho coeso com as páginas não desses livros, mas das páginas que estão preenchendo os livros que a história brasileira vem escrevendo, e da qual somos os personagens, tanto quanto nossos filhos, pequenos ou já crescidos.

Elogiar os autores dos livros que meu colega lê? Sem sombra de dúvidas! Eles merecem, pois o que escreveram sobrevive ao tempo e compõem nossa infância, que dela trago lindas histórias. Elogiar os ilustradores? Com certeza! As belas moças, os jovens, as paisagens, as cores, as fadas... são lindos! Até mesmo o Saci-Pererê! Mesmo sendo uma figura não tão formosa, os desenhos grafitados sugerem, muito claramente, as artes que ele tão prodigamente fazia pelas terras brasileiras. Reli com prazer sobre os nós que ele trançava nas crinas dos cavalos e, ao final da história, São Benedito o colocou de castigo, de cabeça para baixo, em uma porteira à beira da estrada, e ele até hoje continua perguntando aos viajantes se não viram o Benedito por aí? Que intimidade! Que criança bem levada! Sorri ao lembrar da credence de deixar o São Benedito de castigo (também de cabeça para baixo) enquanto o pedido feito a ele não é atendido... Quando criança, minha família ia passar as férias na fazenda do meu tio. Mineiros que somos, contadores de histórias por excelência, meu pai não fugia à regra... Quando víamos um pequeno redemoinho, que se formava ao longo da estrada de terra, ele me dizia “se jogar uma peneira feita de lasca de bambu, você consegue pegar um Saci-Pererê”, teimosa que era, não acreditava, mas pensava comigo, “da próxima vez, trago a peneira e levo o saci comigo!” Ficava olhando a poeira girar sobre o capim ressecado até que desaparecesse e, com um sorriso discreto, meu pai... “Que pena que a gente não trouxe a peneira...”

A saudade abraçou minhas lembranças, como era bom acreditar que o Saci estava ali, “escondido no ar”... Recomecei a leitura. “A pombinha branca e a Moura-Torta”, outro conto brasileiro. Confesso que há muito tempo não lia essa história, e caminhei na re-leitura, embalada pelo sorriso que ainda me vinha... Em poucas palavras, reporto a história para os que, ainda, não a conhecem: “um belo rapaz, afilhado da rainha das fadas, permaneceu no reino encantado por muito tempo, maravilhado com as belezas do lugar. Quando resolveu voltar para suas terras, ganhou de presente da madrinha três gamboas (uma variedade do marmelo), e ela disse que deveria abrir um fruto de cada vez e quando estivesse próximo de um local que tivesse água. Durante o regresso, curioso, abriu uma delas, e no instante seguinte, uma linda moça surgiu, pediu água, ele não tinha como atender ao pedido, e ela, lentamente, morreu. Prossegui o caminho, triste e frustrado, e mais adiante, não se conteve e abriu a segunda; novamente o mesmo ocorreu. Com a última gamboa nas mãos, foi em direção a um riacho, cortou a fruta e dela saiu a moça mais linda de todas! Deu-lhe água e ela, por gratidão, casaria com ele. Deveria comprar-lhe vestidos, e assim, deixou-a à sombra de uma árvore, e retornaria brevemente. Uma velha moura, assustadora em sua aparência, enfeitiçou a bela moça, cravando-lhe um alfinete no alto da cabeça, transformando-a em uma pequena pomba branca. Quando o jovem rapaz retornou, feliz, deparou-se com a moura, que o convenceu que o sol, calor e a poeira a transformaram fisicamente; ele acreditou e, infeliz

com a aparência de sua amada, casou-se assim mesmo. Tempos depois, e convivendo com as malvadezas, arrogância e feiúra de alma dela, encontrou uma pequena pomba branca, pousada brandamente na janela de sua casa. Acariciou-lhe a cabeça. Encontrou o alfinete, retirou-o e – zás – a linda moça ressurgiu! Ele, então, percebeu a má intenção da moura! Colocaram-na em um barril, cravado de navalhas abertas, e o empurraram morro abaixo! Morreu cortada em pedaços... e os moradores do lugar, e o belo casal, viveram felizes para sempre“. É, no mínimo, chocante em se tratando de estória infantil!

Continuei, não mais sorrindo, e sim preocupada com o impacto da estória.

“O pequeno polegar”, conto de origem européia, é muito conhecido, mas, ao reler, fiquei mais assustada! (Não tinha tido ainda a oportunidade de ler a estória sem o imaginário da infância). O pequeno garoto, durante a noite, troca as coroas das sete filhas do gigante pelos gorros de seus irmãos; na madrugada, a enorme e assustadora figura, cambaleante, empunhando um enorme facão, degola as filhas enganado que foi pela esperteza do garoto! Quando, pela manhã, o gigante vai buscar as crianças degoladas para fazer sua sopa matinal, depara-se com o horror de seu próprio engano! Desesperado, corre atrás do Polegar, mas, descansa no meio do caminho; o pequeno garoto rouba-lhe o par de botas mágicas e vai para um outro reino, que está em guerra, e Polegar denuncia o inimigo do rei, que fica muito satisfeito, pois vence a batalha; paga ao menino uma grande quantia. Polegar, feliz da vida, volta para sua família e todos vivem felizes para sempre!

Não consegui sorrir, ao contrário, fiquei pensando em como podemos contar essas atrocidades aos filhos e fazermos com que compreendam apenas a moral da estória: o bem vence o mau. Como assim ‘o bem’ vence? Fiquei incrédula com inversão de valores que as estórias ensinam. Sim, porque os ‘vencedores’ das estórias também são maus! São capazes de matar, ou provocar a morte! Agem com a intenção de proteger, de fazer acontecer o final feliz, doa a quem doer. Distorcem valores com seus exemplos, que são cruéis tanto quanto dos malfeitores! Creio não ser necessário ressaltar os detalhes que transparecem nessas estórias. Para bom entendedor, pingo é letra – coisas de mineiro mesmo!

Encerro sem ter intenção de polemizar! Poderia aqui me estender, mas não creio ser essa a moral subscrita nestas linhas. Comentar sobre outras tantas estórias brasileiras,

Nossos filhos, mesmo os já adultos, e os que ainda esperam pelas estórias, contadas sentadas nos colos dos heróis verdadeiros de suas vidas, filtram o que, inversamente, as estórias manipulam com final feliz. Infelizmente os desenhos animados, os jogos em pcs, filmes, etc., estimulam o lado pior do ser humano. Existe um esforço muito grande de todos nós no sentido de que o final feliz que desejamos aos nossos filhos seja, de fato, construído com trabalho sério, dedicação e competência. Queremos sim, que sejam heróis em suas vidas, que se casem amando verdadeiramente, que tenham filhos e que também contem estórias! E que tenham a sensibilidade de não permear o caminho que escolherem com projeções de Polegar, Moura Torta e outros tantos. Ser Saci-Pererê enquanto puderem, e ficarem de castigo na porteira quando, malgrado escolham, trocar ‘coroas por gorros’.

Privar-nos do prazer inenarrável de contar estórias? Com certeza não. Mas confesso que, se daqui um tempo tiver o privilégio de contar aos meus netos, procurarei, com eles, reconstruir os valores, deixar a malevolência, também dos heróis, às claras, para que o beijo de boa noite traga mesmo lindos sonhos, sem instigá-los a serem ‘bonzinhos’, e, sim, serem transparentes, tal qual a asa das fadas.

Um beijo, boa noite. Tenha lindos e bons sonhos, sem falsos heróis nem complacência com o dia que traz desafios.

Durma bem!